



Arqueologia

Letras perdidas

Índios da Amazônia podem ter usado escrita primitiva

uase ignorada pela imensa maioria dos brasileiros, a história dos povos amazônicos é uma eterna fonte de surpresas. A última acaba de ser revelada pela arqueóloga Denise Pahl Schaan, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Ao examinar uma coleção de objetos de cerâmica produzidos pelos índios que habitaram a Ilha de Marajó entre os séculos V e XIV da era cristã, ela descobriu nas peças a presença de desenhos que podem revelar ser uma escrita rudimentar. Se confirmada, a descoberta reforçará a hipótese levantada recentemente pela pesquisadora americana Anna Roosevelt de que a Amazônia abrigou na época pré-colombiana civilizações bem mais avançadas do que se imaginava até agora.

Ao estudar a coleção de arte marajoara da Universidade Federal de Santa Catarina, Denise Schaan notou a presença de figuras que se repetem ou se alternam segundo uma certa lógica. Alguns dese-



nhos reproduzem quase fielmente os animais da ilha, como o jacaré (ou lagarto), a cobra e o escorpião. Em outras peças, esses mesmos bichos aparecem de forma estilizada. No total, a arqueóloga identificou 52 sinais. "Ninguém havia feito isso antes", garante o arqueólogo Antonio Porro, professor visitante da Universidade de São Paulo. Passar da representação "natural" dos objetos a signos estilizados pode ser o primeiro passo para desenvolver uma escrita. Os egípcios fizeram essa passagem 3 000 anos antes de Cristo. Os

chineses usam até hoje uma escrita ideográfica. Na América, só os maias chegaram a tanto, ao que se sabe. Cautelosa, Denise pretende prosseguir seus estudos no Museu Goeldi, de Belém, onde está a maior coleção de arte marajoara do mundo. "Se for possível comprovar que os 52 signos representam idéias, estará evidenciado que o povo de Marajó tinha alcançado a forma mais primitiva de escrita", diz o professor Porro.

Antonio Martins